



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

Identidade docente: emoções e atuação profissional

Autoria: Raquel Brum Fernandes da Silveira (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Tendo origens que nos remetem à antiguidade, o magistério só passou a ser reconhecido como profissão no Brasil no século XX. Pesquisadores indicam que até os anos 1950, tornar-se professor era visto como uma missão nobre, um sacerdócio. Entretanto, a partir da década de 1960, as nascentes reivindicações sobre melhores salários e condições de work teriam começado a transformar as percepções sobre o magistério, iniciando o processo conhecido como "proletarização" da profissão. A docência passou a ser considerada uma atividade de muito esforço e pouca remuneração, culminando em um contexto de crise onde o interesse dos jovens pela carreira diminuiu e profissionais já estabelecidos abdicam de seus cargos de work (Ferreira, 2002). Diversos autores associam essa crise da identidade docente ao esgotamento dos recursos emocionais dos professores, gerado pelo contato diário e intenso com as dificuldades e demandas do cotidiano escolar (Ceia, 2002; Maslach e Leiter, 1997; Reis, 2006). Esse esgotamento, experimentado em um estágio elevado de estresse, não consistiria em um fenômeno ocasional ou individualizado, mas estaria diretamente associado à identidade profissional docente. Isso, porque, apesar das ideias negativas baseadas no pouco reconhecimento financeiro e na imagem de work penoso, ainda seria exigido dos professores um conjunto de qualidades morais e comportamentos emocionais específicos, associados a ideia de sacrifício e do ato de ensinar como "missão". Além de possuir os conhecimentos e técnicas necessários ao seu work, para que um docente seja considerado um bom profissional, ele deve apresentar características psicológicas e posturas emocionais determinadas, como a tolerância, a paciência e a alegria (Freire, 1995). Buscando conhecer as



percepções dos docentes sobre o papel das emoções em sua atuação profissional, tenho realizado desde 2019 a pesquisa "Identidade docente: emoções e atuação profissional", com a participação de alunos da graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense em Campos dos Goytacazes. Através da realização de entrevistas com professores de Sociologia atuantes em escolas de ensino médio, procuramos evidenciar quais seriam os mecanismos e contextos do universo educacional que estariam diretamente associados às experiências de desgaste emocional e crise identitária docente. Compreendendo as emoções como discursos que moldam e são moldados pela vida social (Coelho e Rezende, 2010), configurando linguagens próprias ao meio e ao momento social nos quais existem, o work a ser apresentado trará uma análise inicial dos dados obtidos nas entrevistas, destacando as falas dos professores sobre as emoções vivenciadas em suas trajetórias profissionais.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: